

A leitura como caminho para a alteridade

Reading as a path for otherness

Noeli Reck Maggi⁹⁸
Renata Santos de Moraes⁹⁹

⁹⁸ Uniritter – Laureate International Universities, Porto Alegre. Doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora titular no Uniritter – Laureate International Universities nos cursos de graduação e pós-graduação lato sensu e stricto sensu.
E-mail: nrmaggi@uniritter.edu.br

⁹⁹ Uniritter – Laureate International Universities, Porto Alegre. Doutoranda em letras, Uniritter – Laureate International Universities.
E-mail: re.morales@icloud.com

RESUMO: No presente estudo, propomos pensar na leitura como mecanismo de aproximação com o Outro. Sugerimos que esse ato seja visto como travessia para inscrevermo-nos no Outro, na medida em que o leitor transita entre o texto original e sua interpretação e se percebe como residente em cada um desses textos. Valemo-nos também das relações entre sentido e alteridade, que se estabelecem a partir da literatura, a qual se coloca, então, como mediadora da dialética entre o eu e o outro.

Palavras-chave: leitura; alteridade; texto; teoria histórico-cultural.

ABSTRACT: In the present paper, we consider reading as a mechanism of approximation to the Other. We suggest that this act is seen as a crossing to register ourselves on the Other, as the reader goes from the original text to interpretation, and sees themselves as a resident in each of them. We also rely on the relations between sense and otherness that are established in literary work, which is a mediator of the dialectics between the self and the Other.

Keywords: reading; otherness; text; sociohistorical theory.

Introdução

O presente trabalho coloca-se como possibilidade de experimentar uma aproximação com o Outro e de observar o desenvolvimento e a condição humana em um contexto sócio-histórico-cultural. Para isso, propõe uma visão da leitura como ferramenta que aproxima aquele que lê de seus Outros. Apresentamos provocações no sentido de utilizar a literatura para buscar o Outro ou o eu que habita no Outro. Literatura que vai além: como caminho, como mediadora.

Segundo Candido, “[...] a nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização” (CANDIDO, 1995, p. 170). Os meios que precisamos para nos tornarmos seres melhores estão todos a nossa disposição. O que antes era utópico, agora é real. E, com isso, ganhamos esperança. Ganhamos perspectivas. Não é possível sustentar mais a situação caótica em que nos encontramos.

O ser humano, tão evoluído, não conseguiu ainda ter empatia com seus pares. Há a necessidade e busca constante desse encontro. É necessária a alteridade. Ao ser humano deve ser dada a oportunidade da identificação *com* o Outro, *como* o Outro, *no* Outro. Um Outro que se aproxima, que se confunde com o eu.

Assim, propomos uma perspectiva que toma a literatura de forma que possibilite a ampliação de seu potencial de manifestar “as emoções e a visão do mundo, dos indivíduos e dos grupos” e como “forma de conhecimento” (CANDIDO, 1995, p. 179). Primeiramente, trataremos de questões de sentido e alteridade, para então passarmos a uma breve reflexão sobre a literatura como ferramenta de mediação da dialética entre o eu e o Outro. Utilizaremos, para tanto, as teorias histórico-culturais de Lev Vygotsky, teorias freudianas e os preceitos de Caroline Schwab sobre a leitura como mecanismo de contato cultural.

Questões de sentido e alteridade

Alteridade é um tema que tem sido abordado em diferentes áreas do conhecimento, como na filosofia, na antropologia, na linguística e também na psicologia. A alteridade já é, por si mesma, uma dimensão do humano porque não existe um sujeito sem uma inscrição, um olhar, uma palavra ou um registro de outra pessoa que o nomeie como semelhante da espécie. Ao tomar como referência a perspectiva sócio-histórica (VIGOTSKY, 2007) para explicar as entradas genéticas na evolução psíquica do ser humano, tanto a filogenia quanto a ontogenia explicitam o processo de alteridade que subjaz às dimensões da aprendizagem e do desenvolvimento. Também Piaget (1971) circunscreve o sujeito que se desenvolve capaz de descentrar, distanciando-se do outro para reconhecer-se na diferença. Trata-se

de uma condição necessária para o reconhecimento de si e do outro, como também uma conquista no desenvolvimento cognitivo.

Estas reflexões partem de uma dimensão psicológica, embora o conceito de alteridade seja originalmente pensado na área da antropologia. Segundo Michel Collot (2006, p.28), “alteridade provém do termo latino *alter*, que, como o grego *béteron*, define-se em função de um polo de referência, seja ele o Ego, o Mesmo ou o Um. O Outro não passa sem o Um. Não há alteridade sem ipseidade”. A diferença entre o Eu e o Outro não elimina a referência que cada um traz dentro de si. Por se identificarem é que os homens se diferenciam.

Para ampliar a visão sobre o tema da alteridade, pode-se abstrair da teoria psicanalítica o tema sobre ‘O estranho’. Freud (1976) escreve sobre o estranhamento que um sujeito experimenta ao confrontar-se com o que percebe em outra pessoa. Por que o sujeito estranha e qual o conteúdo que causa ansiedade ou medo? O sujeito estranha quando sentimentos e emoções retornam do que fora recaiado no seu inconsciente. Na relação com o Outro, o sujeito transfere desejos, sentimentos, expectativas, ao mesmo tempo em que sente medo, assusta-se pela identificação inconsciente. O que se estranha no outro pode ser o que está recaiado dentro do sujeito que se amedronta ou que estranha. A diferença se constitui a partir da semelhança, a alteridade a partir da identificação.

O estranho, tal como é descrito na literatura, em histórias e criações fictícias, merece na verdade uma exposição em separado. [...] O escritor imaginativo tem, entre muitas outras, a liberdade de poder escolher o seu mundo de representação, de modo que este possa ou coincidir com as realidades que nos são familiares, ou afastar-se delas o quanto quiser. [...] Nos contos de fadas, por exemplo, o mundo da realidade é deixado de lado desde o princípio, e o sistema animista de crenças é francamente adotado (FREUD, 1976, V. XVII, p.310).

Se fundamentado na psicanálise, o afeto, ou um impulso emocional, quando recaiados, transformam-se em ansiedade. Resta saber o motivo pelo qual rejeitamos ou apreciamos o que percebemos de diferente ou de estranho no outro. Pode ocorrer que o assustador seja o retorno do que está recaiado, do que não poderia aparecer. Nesta perspectiva teórica, compreende-se que os sentimentos opostos se assemelham. O que é estranho está próximo do familiar e para encontrar o que é semelhante é necessário reconhecer o que é diferente.

São muitas as abordagens referentes ao tema da alteridade, e neste artigo será tratado como um conteúdo a ser pensando como dissociado da concepção de homem como propõe o aporte teórico histórico-cultural. É priorizada esta concepção, uma vez que as investigações nessa área (VIGOTSKY,

2005; LURIA, 2010; WELLS, 2001) e num âmbito mais restrito às operações mentais do sujeito, mas não distante dos aspectos sociais, Perret-Clermont (2004), Piaget (1978), Fosnot (1998) explicitam o papel que o outro exerce para desvendar especificidades nas diferenças e semelhanças.

A teoria histórico-cultural, e tendo como referência Vigotsky, nos faz pensar que a interação com o outro permite ao sujeito reconhecer-se na singularidade e na multiplicidade de características de modo a ampliar a perspectiva sobre si e sobre o outro. O autor faz referência à atividade humana consciente e deliberada. No âmbito da psicologia, Vigotsky (2007) fundamenta sua teoria com a afirmação de que o ser humano, ao se apropriar da cultura, se constitui como sujeito. Embora nos escritos de Vigotsky não se encontre uma abordagem específica a respeito da alteridade, a sua teoria explicita a dimensão da alteridade em seus postulados sobre a constituição do homem apropriando-se da cultura numa relação compartilhada. Isto pressupõe uma relação de alteridade, de identificação e de diferenciação. Este sujeito singular em sua forma de pensar e de agir sobre a realidade revela a dimensão das relações sociais e de alteridade junto a outros indivíduos da espécie.

As relações desse sujeito estão localizadas em tudo o que o circunda, tanto no espaço social e geográfico quanto no que medeia a interação entre sujeitos, de modo a permitir a emergência das identificações e das diferenciações. Herdeiro de uma concepção marxista sobre homem e trabalho, Vigotsky concebe o homem como habitante de seu espaço social, onde, ao produzir transformações no contexto e relações interpessoais, transforma-se como sujeito e se insere numa dimensão intrapessoal. A alteridade se faz presente de modo recorrente, embora não anunciada neste conceito.

Originalmente, os complexos biológicos suscitam motivos para a busca de alternativas e de transformações sociais, mas as funções psicológicas elementares cedem lugar às funções mentais superiores, originando novos motivos individuais a partir dos motivos sociais. Essas funções psicológicas, como a atenção deliberada, a memória, o pensamento e, especialmente, a linguagem resultam da atividade continuada do sujeito numa interação com os pares e com o contexto onde se perpetuam as trocas. Assim se constituem e se inscrevem as experiências no psiquismo humano.

O termo alteridade é pensado como o oposto, o outro, o diferente, embora possa ser pensado como a diversidade na unidade. Se pensarmos como Vigotsky explica o processo de criação no homem, vamos encontrar o conceito de individual no social, de diferença na semelhança e de negação na afirmação. A dialética nas relações humanas está presente de modo constante e contínuo nesta concepção de homem objetivado e inserido na realidade. No que se refere à mediação, instrumentos e signos representados pela palavra, pelos gestos, pela cultura de modo geral aproximam o sujeito de outras pessoas e de novas possibilidades de reconstrução do existente.

Buscamos, ainda, em Caroline Rooney mais uma perspectiva sobre o conceito de alteridade que percebemos também como mais cabível neste estudo, levando em consideração que buscamos a alteridade na literatura. Para a autora, a alteridade poderá decorrer da escrita criativa:

Há, às vezes, uma interpretação errônea de que a escrita criativa é autobiográfica, confessional, uma autoficção narcísica. No entanto, a escrita criativa poderá decorrer daquilo que o self não é consciente, daquilo que seria inconsciente, mas não categoricamente inconsciente... Por outro lado, a escrita criativa pode ser vista como pertencente à consciência do Outro, tanto uma consciência do Outro quanto uma consciência para além do self. (ROONEY, 2007, p. 137)

Dessa forma, um mesmo comportamento, seja no âmbito psicológico, seja no âmbito cultural, pode ser visto sob diferentes perspectivas e, nesse ponto, na diferença, está a alteridade. Entre o que o *self* percebe como sendo si-mesmo, e naquilo que ele percebe de diferente com relação ao Outro, no Outro, além de si.

Ricoeur, em *O Si-Mesmo como o Outro* (RICOEUR, 1990), explora as questões de identidade sob uma perspectiva que considera o si-mesmo, em que a palavra “mesmo” atua como uma ênfase, indicando que se trata exatamente do ser, porque “reforçar é ainda marcar uma identidade” (RICOEUR, 1990, p. 13). Nessa obra, Ricoeur coloca em oposição o *idem* e o *ipse*. De um lado, a identidade-*idem*, a qual é imutável através do tempo, representa a mesmidade. De outro, há a identidade-*ipse*, aquela que trata da dialética do si e do diverso do si. Ricoeur sugere que

A ipseidade do si-mesmo implica a alteridade em um grau tão íntimo que uma não se deixa pensar sem a outra, que uma passa bastante na outra, como diríamos na linguagem hegeliana. Ao “como” gostaríamos de ligar a significação forte, não somente de uma comparação – si-mesmo semelhante a um outro –, mas na verdade de uma implicação: si-mesmo considerado...outro. (RICOEUR, 1990, p. 14)

Assumimos a proposta de Ricoeur, em que o si-mesmo aproxima-se do Outro, o si-mesmo considerado como Outro, em uma relação dialética de diferença, de busca pela identidade pessoal e reflexiva, busca essa moldada pela outridade. Neste sentido, consideramos que a literatura pode servir de meio¹⁰⁰. Meio que conduz ao Outro e, na contrapartida, conduz ao si-mesmo. Este movimento é fundamental para o desenvolvimento do humano e consideramos ser o primeiro passo na busca pela compreensão de como o ser se coloca no mundo.

¹⁰⁰ Referimo-nos, aqui, a meio como Mittel, termo utilizado por Benjamin: meio como que conduz a um determinado fim. (2011, p. 53)

Com *Sujeito e verdade no mundo social-histórico*, de Castoriadis (2007), podemos ainda explorar a potência do imaginário, a partir do qual podemos colher ou instigar a percepção da identidade com a obra literária. Com essa obra, poderemos vivenciar um lado mais obscuro do ser humano, elemento muito presente nas obras literárias e muito presente no ser humano fora dos livros: um lado da identidade que emerge do ódio ao Outro. Mas, com essa análise, buscamos também as condições para superação. Ante a aparente antinomia entre o reconhecimento da alteridade, da diversidade das culturas e a afirmação de valores universais há, em todos nós, a necessidade da autoafirmação. Castoriadis (2007) auxilia-nos na medida em que traz a concepção de sujeito em um contexto sócio-histórico. Para o psicanalista, o ser humano possui especificidade e precisa colocar-se em um mundo social-histórico. Comenta o autor:

Especificidade do ser humano: não animal racional, mas, muito pelo contrário, imaginação radical que quebra a regulação funcional que comporta o ser humano enquanto simples vivente. Como animal, o ser humano é inapto à vida. Impossibilidade, portanto, de derivar a sociedade dessa natureza biológica do humano, assim perturbada, ou de compreender a sociedade como “composição” de indivíduos humanos, pois o indivíduo é, ele mesmo, uma fabricação social. Impossibilidade de produzir a linguagem a partir da psique: a psique é capaz de linguagem, mas não pode produzi-la, assim como não pode produzir instituições. *Logo, necessidade de postular um outro nível de ser, o social-histórico, o imaginário social como instituinte, campo de criação de formas que surge a partir do momento em que existe uma multiplicidade de seres humanos.* (CASTORIADIS, 2007, p. 49, grifos nossos)

Aliamos aos ensinamentos de Castoriadis a psicologia cultural de Jaan Valsiner, autor que atua na senda do sociointeracionismo de Lev Vygotsky. Valsiner também trata sobre a questão da sociedade, do historicismo e do impacto do externo (sociedade) sobre o interno (indivíduo). Assim, auxilia-nos a perceber a importância do entendimento das relações de outriedade e de como o sujeito se encontra no mundo cultural. Para o psicólogo, a sociedade é um signo, um mediador semiótico, um caso de significação hipergeneralizado, e afirma:

Tais signos hipergeneralizados são amplamente utilizados por nós como promotores de nossos modos de sentir e pensar, à medida que atravessamos a miríade de espaços de nossa vida cotidiana. Eles fornecem não apenas um conhecimento generalizado, abstraído sobre nossos mundos, mas também conduzem sugestões afetivas que utilizamos em nossos modos cotidianos de viver. (VALSINER, 2012, p. 69)

A sociedade influencia, então, de forma decisiva o ser humano, regulando as ações do sujeito com os outros e com ele mesmo, e regula, em última análise, a psique humana. Tal poder, tal movimento externo-interno é também vivenciado por protagonistas de obras literárias. Perceber como isso ocorre com esse Outro que se coloca na pessoa dos personagens, ler, acompanhar, traduzir seus movimentos e (re)escrever suas histórias nos ajudará a percorrer o caminho nós mesmos, e, possivelmente, teremos o entendimento de como esse mecanismo ocorre.

Literatura como mediadora da dialética entre o si e o outro

Ainda pensando em mediação, portanto, buscamos, neste estudo, proposições que possam encorajar uma visão da leitura como instrumento de mediação: uma leitura reflexiva para além do texto. Leitura que se apresenta como possibilidade de interpretação de sentidos e significados e como movimento que aproxima aquele que lê – e interpreta – do Outro. Com esta relação entre o leitor e a obra, ampliamos o nosso potencial de manifestar emoções, perceber o Outro, percorrer um caminho à nossa identidade e buscarmos desenvolvimento do humano.

No campo da interpretação literária, de um lado temos críticos que consideram a leitura interpretativa como um ato de violência; de outro, temos aqueles que acreditam que a leitura não estaria completa sem um ato interpretativo. Em termos de limites e fronteiras textuais, encontramos mais dois grupos de críticos. De um lado, aqueles que acreditam que a leitura deva ser restrita por limitações impostas pelo texto, e de outro, os que insistem em que não há limite interpretativo algum a ser seguido (SCHWAB, 1996, p. 7).

Schwab (1996) propõe um modelo de leitura que a considera como mecanismo de contato cultural, de contato com o outro, e surge para dar novo fôlego para as teorias literárias. Segundo a autora, esta forma de conceber o ato da leitura não só traz à tona as implicações culturais trazidas pelo leitor ao texto, como também coloca o foco nas formas pelas quais o texto intervém culturalmente (SCHWAB, 1996, p.7).

O exercício da leitura, concebido enquanto contato cultural, deve ser visto como um exercício de negociação com o *outro*. A literatura, portanto, através da leitura, incitaria uma negociação entre o eu, o outro, a cultura e fronteiras históricas. Sob esta ótica, ao ler, o leitor encontra-se em uma avenida de mão dupla: de um lado temos a cultura presente no texto, de outro, o âmbito cultural onde está inserido o leitor, de um lado encontra o si-mesmo, e, em oposição, vislumbra o outro. Schwab conclui que “*ler*

como uma operação fronteiriça não é apenas um ato de ‘sair de casa’, mas também um ato de ‘voltar para casa’” (SCHWAB, 1996, p. 5)¹⁰¹.

A literatura apresenta-se como uma possibilidade de experimentar este exercício. Ao leitor é dada a oportunidade de vivenciar a alteridade duplamente. O primeiro plano encontra-se dentro da narrativa, na observação do percurso dos personagens. Em segundo lugar, temos a experiência do próprio leitor em sua negociação pessoal com o *outro*, revelando verdadeiramente a experiência da leitura que vai além do texto.

Em aceitando que o processo de negociação com o Outro é inerente ao ato de ler, e que, por consequência, a leitura pode ser vista como instrumento de contato com o Outro, é viável considerar que, a partir disto, resultem também intervenções culturais. Neste sentido, ao ler, estabelecemos contato com o Outro em um movimento de aproximação e distanciamento. O leitor sente que faz parte do texto que está lendo, encontra aspectos que o toca profundamente.

Neste sentido, para Schwab, é necessário que a ênfase das teorias literárias seja voltada para a experiência de negociação cultural, vendo a leitura como instrumento que afeta as fronteiras culturais, tanto individuais como de uma comunidade, de forma que tais fronteiras moderm, se atualizem, se desfaçam e refaçam novamente.

Considerações finais

O ser humano traz consigo um agregado de relações sociais inscritas desde os primórdios de sua vida, desde as primeiras palavras que o nomearam e lhe inscreveram num lugar social. Esse Eu que se constitui a partir do Outro, vai respondendo e transformando objetivamente a realidade e a si mesmo. Cada pessoa se diferencia e se assemelha tanto no que se refere à materialidade dos fatos, dos materiais e instrumentos quanto na subjetividade dos sentidos atribuídos ao que lhe cerca. A relação de alteridade é constituinte do psiquismo humano.

Ao ler e ver a leitura como contato cultural, extrapolamos o senso meramente estético ou interpretativo de um texto. Levamos o estético para outros campos, traçando uma relação com aspectos culturais, psicológicos, de alteridade e de diferença. A leitura se consolida em uma verdadeira experiência do Outro. No ato de leitura, o sujeito deve se deixar impactar pela realidade da narrativa, que está, ao mesmo tempo, distante nas páginas do livro e muito perto, a ponto de ser possível tocá-la.

¹⁰¹ (...) Reading as a border operation is thus not only an activity of “leaving home” but also one of “bringing home” (SCHWAB, 1996, p. 5, tradução nossa).

Por fim, é necessário o resgate da percepção das relações de alteridade entre o eu e o Outro, sendo fundamental uma educação que proporcione esse movimento. A literatura pode cumprir este papel. Por ela, o sujeito poderá humanizar-se, como sugerimos neste artigo?

Neste sentido, o que teremos é uma tentativa: uma forma de utilizar a literatura para aproximarmos-nos do Outro, para, por conseguinte, aproximarmos do que nos faz humanos. Para nos desenvolvermos e deixarmos nossas marcas na história e na cultura que serão absorvidas pelos que virão.

Referências:

BENJAMIN, W. *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2011.

CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. 3ª. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 2005.

CASTORIADIS, C. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

COLLOT, M. *O outro no mesmo*. *Revista ALEA - Estudos Neolatinos*. **Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras – RJ: UFRJ**, vol. 8, jan./jun., 2006, p. 29-28.

FOSNOT, C. T. *Construtivismo: teoria, perspectivas e prática*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FREUD, S. (1919). O 'estranho'. In:_____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, V. XVII.

FREUD, S. (1925). A negativa. In:_____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, V. XIX.

LURIA, A. R. Diferenças culturais de pensamento. In: VIGOTSKII, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Penha Villalobos, 11ª ed., São Paulo: Ícone, 2010.

PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. 4ª ed. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim; Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Trad. Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

- RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1990.
- ROONEY, C. *The other of the confession: women of Zimbabwe*. In: *Decolonising Gender: literature and a poetics of the real*. London: Routledge, 2007.
- VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PERRET-CLERMONT, A.; PONTECORVO, C.; RESNIK, L. B.; ZITTOUN, T.; BURGE, B.. *Integração social: aprendizagem e interação social na adolescência e juventude*. Trad. Alexandra Estrela. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- VALSINER, J. *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo, revisão técnica de José Cipolla Neto, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica*. Trad. Paulo Bezerra. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- WELLS, G. *Indagación dialógica: hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación*. Barcelona: Paidós, 2001.